

A CAPACITAÇÃO DE PESSOAS CARENTES ATRAVÉS DA FABRICAÇÃO DE MOBILIÁRIO COM MATERIAL RECICLÁVEL

*Bruna Martins*¹

*Marilzete Basso Nascimento*²

Resumo: Alternativas de produtos que se aliam a fatores como reaproveitamento de materiais e desenvolvimento sustentável podem ser vistos como uma oportunidade de mercado. Com a problemática da geração de lixo se faz necessário a geração de alternativas para reutilização de materiais. A questão ambiental deve ser pensada interdisciplinarmente com o design, em que os profissionais da área devem contribuir para soluções sustentáveis, como a sustentabilidade aplicada na produção de móveis.

Palavras-chave: Pesquisa-ação, reaproveitamento de materiais, desenvolvimento sustentável, design.

Abstract: Alternatives of products that join to events such as retrieval materials and the sustainable development can be a business chance. With the garbage problem the alternatives that retrieval materials are necessary. The environmental question must be thought along with design. Professionals have to collaborate to sustainable solutions, as applied to furniture production.

Keywords: Research-action, retrieval materials, sustainable development, design.

1. INTRODUÇÃO

Estudos ambientais feitos pelo IBGE, em 2002, mostram que a coleta seletiva de lixo mostra números incipientes no País. Somente 2% do lixo produzido no país são coletados seletivamente. Apenas 6% das residências são atendidas por serviços de coleta seletiva, em apenas 8,2% dos municípios brasileiros.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo – PUCPR e Graduanda em Tecnologia em Móveis pela UTFPR. *bruna_m05@yahoo.com.br*

² Doutoranda em Engenharia Florestal, Mestre em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina e Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. *marilzete@hotmail.com*

O processo de globalização aumentou a pobreza mundial e concentrou mais renda entre os mais ricos. De acordo com dados do IBGE de 2001, só no Brasil existem 16.433 favelas cadastradas.

Outro fator intrínseco da comunidade brasileira e que pode ser mais valorizado é o artesanato. Artesanato é o “regime de produção individual ou grupal (com divisão de trabalho elementar, na qual o artesão executa todas as etapas de produção) em que o trabalhador é o dono dos meios de produção (geralmente instrumentos rudimentares) e do produto do seu trabalho” (CHIAVENATO, 2000, pg 43).

Os primeiros artesãos surgiram no período neolítico (6.000 a.c) quando o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar a cerâmica como utensílio para armazenar e cozer alimentos e descobriu a técnica de tecelagem das fibras animais e vegetais. No Brasil o surgimento do artesanato ocorreu, também, neste período. Pesquisas permitiram identificar uma indústria lítica e fabricação de cerâmica por etnias de tradição agreste que viveram no sudeste do Piauí a 6000 a.c. (GERANEGÓCIOS, 2006).

O artesanato é uma produção de caráter familiar, o chefe de família possui os meios de produção e geralmente é o proprietário da oficina e das ferramentas, trabalha com os parentes em sua própria casa, realizando todas as etapas da produção, desde o preparo da matéria-prima, até o acabamento final. Não tem uma divisão no trabalho ou especialização para a fabricação de algum produto. O artesanato é um trabalho que difere conforme a região, pelo uso de materiais típicos, e pela criatividade de cada artesão. Existem muitas técnicas artesanais e algumas são específicas de cada região, dependendo da cultura local, são heranças culturais e podem ter valor histórico.

2. O DESIGN

Com a Revolução Industrial, no século XVIII, vieram o progresso acelerado, o trabalho se intensificou, surgem fábricas e acontece o abandono das áreas rurais. Novas máquinas encantam o homem da era industrial, o uso da máquina à vapor, o aço, as possibilidades de construção fazem a sociedade aumentar a quantidade de trabalho, pelo avanço da tecnologia industrial. Nesta época surge o Desenho Industrial. O artesão ganha um “concorrente”, o produto feito em série, em grandes quantidades, com preços mais acessíveis e o *Design* faz a diferença nestes produtos em série, no desenho diferenciado.

Segundo o International Council of Societies of Industrial Design – ICSID, “design industrial é uma atividade criativa cujo objetivo é determinar as propriedades formais dos objetos produzidos industrialmente”. Contudo, a profissão de *designer* se relaciona com a criação e com a produção de objetos. A concretização do projeto de *design* pode se dar em muitas áreas, na produção industrial - em série; no projeto de produto exclusivo – único; na identificação de um problema, etc. Muitas vezes o *designer* é um solucionador de problemas.

3. A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE

A desigualdade só aumenta, tanto social como economicamente. É claro que a origem do problema surge desde a colonização das terras desconhecidas, da América do Sul e da África. Desde então, a idéia de terra não era a mesma da Europa, a grande colonizadora. As terras colonizadas não eram importantes na concorrência econômica, somente na geração de riquezas. “O conceito de riqueza é interessante. Ele é medido pelo valor de troca. Mas o valor de troca e determinado pela escassez, enquanto riqueza não é escassez... ao contrário, riqueza é, justamente, a abundância”. (PORTO-GONÇALVES, 2004, pg 56).

Aqui está a questão, as riquezas hoje não são mais as mesmas. “O objeto durável – seu uso: o serviço, como o concebemos – participa de uma relação de generosidade entre o homem e a natureza. Suporte de nossa compreensão do mundo, ele deve contribuir para uma redefinição das riquezas e de sua redistribuição”. (KAZAZIAN, 2005, pg 55).

“Considerando a demanda – de produtos e de prestação de serviços – como potencialmente variável, trata-se então de ser oferecida uma nova maneira (mais sustentável), que busque a obtenção de resultados socialmente apreciados e, ao mesmo tempo, radicalmente favoráveis ao meio ambiente”. (MANZINI, 2002, pg 21).

O desenvolvimento sustentável busca oferecer às empresas oportunidades de reorganização e adequação ao sistema ecológico de produção, valorizando a imagem e a confiança do mercado para a empresa. A preocupação com o meio ambiente hoje é importante na visão de empresas ecologicamente corretas. Apos-tar nesta causa pode gerar novos rumos para a economia. Já está na hora do potencial do *design* ser voltado para soluções ambientais, seja pela forma de gerar menos resíduos, de reaproveitamento e dar outras utilidades para os refugos.

4. AS ATIVIDADES SOCIAIS E O DESEMPREGO

Relacionando as atividades que envolvem o ambiente urbano, encontram-se três setores: o chamado primeiro setor, que é o governo, responsável pelas questões sociais. O segundo setor é o privado, responsável pelas questões individuais. E o chamado terceiro setor, que é constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais (ONGs, organizações filantrópicas, cooperativas etc), que tem como objetivo gerar serviços de caráter social.

No Brasil o terceiro setor é geralmente financiado por fundações que fazem doações para as entidades beneficentes e as fundações que executam seus próprios projetos sociais. Já o trabalho voluntário está diretamente relacionado ao terceiro setor. Individualmente, cada pessoa pode ser um voluntário e este adjetivo passou a fazer parte da construção do desenvolvimento social. Hoje existem várias organizações que estimulam o trabalho voluntário, em escolas e universidades, campanhas e programas sociais de empresas e ONGs.

Já a questão do desemprego, gerado pelos níveis crescentes de competitividade da economia internacional e pelos avanços da tecnologia, se torna grave em países como o Brasil, que têm que confrontar os problemas de modernização e ajuste com uma população com baixo grau de escolaridade, sem capacidade técnica suficiente, e sem experiência prévia de inserção profissional em um mercado de trabalho moderno.

“No programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o combate à pobreza pode ser organizado em três dimensões: a assistência social, porque a sobrevivência é um direito radical; a inserção no mercado, para que o pobre se autosustente e tenha projeto de vida; e a cidadania, para que o pobre assuma seu destino com a devida autonomia. Os três componentes são essenciais, mas há uma hierarquia entre eles. O mais decisivo é a cidadania, seguindo-se a inserção no mercado e, por fim, a assistência.” (Relatório de Desenvolvimento Humano, 2005).

Enfim, a inserção no mercado é um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento da sociedade. Mas o que o *design* tem a ver com este desenvolvimento? A criação, a busca por novas técnicas ou programas de empregabilidade. É no *design* que são estudadas novas formas de atingir o mercado, de lançar produtos com diferenciais.

Em tempos de preocupação com a pobreza, o *design* atuando nas favelas pode ser um valor agregado ao produto final. O que se precisa hoje é desvincular o conceito de que o *design* deve beneficiar somente quem compra; que deve ter público específico; que a produção deve estar ligada à alta tecnologia ou a criação de um produto para ser vendido em lojas de valores altíssimos – restringindo os compradores. Pode ser uma alternativa de geração de renda; de atingir um público preocupado com o meio, antrópico e natural; o meio em que se vive.

Os projetos de cunho social buscam promover o *design* e a sua utilização para a inclusão social. Muitos deles buscam a reciclagem, incentivando a reutilização e o reaproveitamento de materiais descartados. Outros ajudam na formação de pequenos negócios, cooperativas e empreendedores.

Com projetos sociais pode-se fazer uma reflexão sobre o papel do *design* na sociedade. Para que ele serve e para quem foi feito, a quem ele beneficia. Nota-se com estes projetos um outro caráter para o *design*: o da inclusão social. É necessário realizar projetos e atividades reutilizando materiais, contribuir para o desenvolvimento social e para o meio ambiente, com metodologias e processos que não agridam a natureza, que beneficiem as pessoas carentes e auxiliem a geração de renda.

5. A PESQUISA-AÇÃO

“Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de

um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLENT, 1986, p.14). Com este tipo de pesquisa foi possível a implantação de uma atividade prática em uma comunidade carente. A justificativa desta implantação está na melhoria da qualidade de vida, através do *design*, utilizando-se dele para promover também a sociedade e os valores do artesanato local. Outro ponto importante do projeto é dar novos usos para os materiais recicláveis coletados por catadores de papelão, como a fabricação de peças de mobiliário. A criação de um produto que utilize estes materiais pode ser uma alternativa de capacitar e gerar renda para pessoas carentes; uma forma de traduzir o lixo em lucro.

5.1 IMPLEMENTAÇÃO

O projeto foi lançado como uma oficina de artesanato e *design* em uma comunidade carente na cidade de Curitiba, no Paraná. Para a realização desta atividade foi necessário limitar o número de vagas, no total de seis, necessário para desenvolver a atividade com mais qualidade. Um requisito para a inscrição foi ter habilidade manual, especificamente para trabalhos com crochê. Este foi um critério que ajudou na determinação dos produtos, como eram seis pessoas e cada uma faria um produto, seria mais fácil manter um padrão.

Foram apresentados os conceitos de *design*, sustentabilidade e reciclabilidade, imagens e projetos de *designers* famosos para as participantes da oficina. Em uma conversa informal, notou-se que a expectativa das mulheres de poder criar peças de mobiliário, aprender a fabricá-las e desenvolvê-las para suprir a necessidade de cada uma, ou na venda ou na própria aquisição da peça.

5.2 A FABRICAÇÃO DO MOBILIÁRIO COM PAPELÃO

O papelão foi a matéria prima principal para a execução das peças e as chapas utilizadas são as coletadas por catadores de papel. Foram feitos seis moldes em MDF 5 mm: três círculos com diâmetro de 40 cm e três quadrados com 40 cm de largura, que servem para moldar o tamanho nas chapas de papelão e depois é utilizado como base de sustentação, empilhando as chapas de papelão sobre o MDF.

FIGURA 1 – Corte, molde e empilhamento do papelão e revestimento com plástico bolha



Fonte: arquivo da autora

A seguir, é empilhado o papelão até obter altura desejável e confortável para se sentar. Muitas chapas são irregulares, outras são mais grossas; é preciso selecionar as chapas que podem ser utilizadas, que estão secas e não tão deterioradas. Para cortá-las foram utilizadas duas serras tico-tico, o rendimento de corte é de sete chapas por vez.

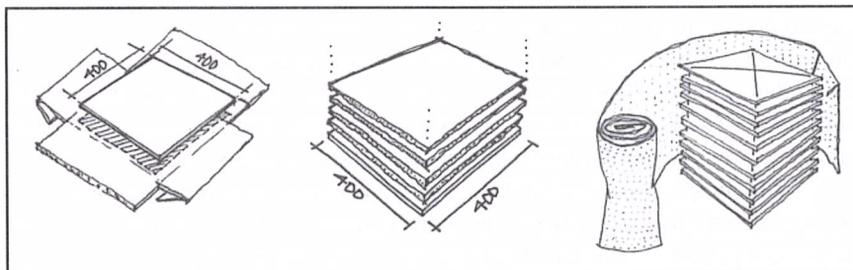
Com o corte de todas as chapas é feita uma análise de altura, adequando-se ao conforto e ergonomia para uma peça de mobiliário como um *puff* normal. Foi adotada a altura de 35 cm, descontando a altura total com pés. A estabilidade do papelão é feita com um barbante que transpassa as chapas e é amarrado; também se consegue juntar e prensar manualmente, assegurando a rigidez da peça.

Então as peças são envolvidas por plástico bolha e seladas com fita adesiva larga, que garante a impermeabilidade e a maciez da peça – função que a espuma exerce nos estofados industrializados.

Com a fase de corte e amarração do papelão concluída, foram feitos os forros para as peças. O TNT foi utilizado por ser um material barato e de fácil manuseio, cada forro foi feito em uma cor, que definiria também a cor do barbante necessário para fazer o acabamento em crochê. Finalizada a capa de crochê, são colocadas fitas de cetim, que dão melhor acabamento ao *puff* e escondem o forro em TNT. As fitas são passadas e arrematadas com um fio normal de costura, que fica escondido atrás do crochê.

A idéia de manter o crochê no acabamento dos *puffs* foi priorizada por este acabamento ser particular da cultura local, é uma técnica conhecida e uma herança de família da maioria das pessoas que a praticam. Realizadas todas as etapas de acabamento, foram colocados os rodízios com auxílio de uma furadeira e de uma chave de fenda cruzada.

FIGURA 2 - Os puffs confeccionados na oficina



Fonte: arquivo da autora

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de trabalho deste projeto, a pesquisa-ação, mostra que o *design* pode estar ligado diretamente aos conceitos da justiça social, da sustentabilidade e da aplicação do artesanato. Com as peças produzidas pelas mulheres da comunidade fica provado que é possível a construção de mobiliário por pessoas que não trabalham com este tipo de produto, como estofadores e marceneiros.

As participantes da oficina aprenderam a utilizar ferramentas de desenho, medição e corte, além de aplicar seus conhecimentos de costura na forração das peças em TNT. Assim, prova-se que outras pessoas como donas de casa, desempregados e adolescentes podem ser capacitadas a partir de conceitos do *design*. Sem contar na gratificação das participantes, que frente às necessidades viram que podem melhorar um pouco a condição de vida na comunidade.

Outro fator que foi analisado nesta pesquisa-ação foi a geração de renda. Assim como estas senhoras que participaram das atividades, outras pessoas podem aproveitar o seu conhecimento e as técnicas manuais para gerar renda.

Deve-se pensar também no trabalho dos *designers*, que pode ser aplicado nestas comunidades carentes. O projeto de um móvel ou de qualquer produto pode ter a intervenção do *design* para trazer soluções e adequações ao mercado, e isso pode ser feito com qualquer material, até o reciclado.

O tipo de produção realizada na comunidade, as oficinas, são atividades que contribuem positivamente: além de trazer conhecimento para um grupo de pessoas, as técnicas de cada um são desenvolvidas e aperfeiçoadas com o trabalho em grupo, com cooperação e superação de limites.

O uso de sobras e refugos é uma atividade ainda incipiente no País, talvez porque existam poucas possibilidades de uso destes materiais. Muitos são coletados apenas para produzir o mesmo material novamente, com isso pode-se pensar qual é a necessidade do mercado e gerar idéias que utilizem destes materiais para supri-las. Deve-se pensar nestes usos como atividade que contribui não só para quem realiza um projeto de reciclagem, mas para a sociedade em geral.

Buscou-se aplicar nos produtos materiais recicláveis e que contribuam com a sustentabilidade, mas levando em consideração a possível venda das peças, somente o uso de reciclados não atrairia a procura pelos *puffs*. A partir deste pressuposto, o artesanato entra na produção para agregar valor da cultura local ao produto, com o crochê. Com isto é identificado um caminho para não conflitar a economia e a sustentabilidade – os dois devem andar juntos, a geração de renda não deve prejudicar o desenvolvimento sustentável e vice-versa.

Em relação à sustentabilidade, é possível manter uma produção apoiando-se na ecologia e na justiça social, segundo Giansanti (2003). Como neste projeto, as pessoas podem ser estimuladas a reciclar e tentar dar novos usos aos materiais desperdiçados, contribuindo com o meio ambiente. Mesmo sem ter conhecimentos de *design*, as pessoas podem se mostrando inovadoras e adaptadoras de materiais para suprir as necessidades em busca da melhoria da qualidade de vida, em uma sociedade que precisa tornar o rumo da sustentabilidade mais presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVENATO, Idalberto. *Empreendedorismo: Dando Asas ao Espírito Empreendedor*; São Paulo: Saraiva, 2004.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. *O outro lado do meio ambiente: uma incursão humanista na questão ambiental*. Campinas: Millennium, 2002

DENIS, Rafael Cardoso. *Uma introdução à história do Design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

GERANEGOCIOS – Cooperativas e Incubadoras. <http://www.geranegocio.com.br> Acessado em 09/05/2006

GIANSANTI, Roberto. *O desafio do desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Atual, 1998.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *O desafio Ambiental: os porquês da desordem mundial, mestres explicam a globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SCHULMANN, Denis. *O desenho industrial*. Tradução de Maria Carolina F. de Castilho Pires – Campinas: São Paulo: Papyrus, 1994.

HESKETT, John. *Desenho industrial*. Tradução de Fábio Fernandez. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) disponível em site na internet: <http://www.ibge.gov.br>. Acessado em 20/08/05.

KAZAZIAN, Thierry. *Haverá a idade das coisas leves – design e desenvolvimento sustentável*. São Paulo: SENAC-S P, 2005.

KOTLER, Philip. *Marketing para o século XXI*. São Paulo: Futura, 1999.

KOTLER, Philip. *Marketing para organizações que não visam o lucro*. São Paulo: Atlas, 1988.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. *O desenvolvimento de produtos sustentáveis – os requisitos ambientais dos produtos industriais*. São Paulo: EDUSP, 2002

PERUZZI, Jaime Torezan. *Manual sobre a importância do design no desenvolvimento de produtos*. Bento Gonçalves: SENAI/CETEMO/SEBRAE, 1998.

PNUD – Relatórios de Desenvolvimento Humano. *Programa de Nações Unidas para o desenvolvimento*. <http://www.pnud.org.br> - Acessado em 25/08/2006

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.